

A VIOLÊNCIA NAS RELAÇÕES ÍNTIMAS: ASSOCIAÇÕES COM A CONFIANÇA INTERPESSOAL E ESPERANÇA

Maria da Luz Vale Dias¹ (✉ valedias@fpce.uc.pt) & Bárbara Minas²

¹ Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Coimbra, Portugal; ² Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Coimbra, Portugal

De acordo com dados da Organização Mundial de Saúde (OMS, 2002, cit. por Heise & Garcia-Moreno, 2002), a violência nas relações íntimas é um fenómeno cuja incidência abrange as mais diversas populações numa escala universal. Segundo recentes informações incluídas num relatório da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV, 2017, p. 18) “*o contexto das relações de intimidade continua a sobressair no que diz respeito à relação da vítima com o/a autor/a do crime*”. Com efeito, “*as relações de cônjuge, companheiro/a, ex-cônjuge, ex-companheiro/a, ex-namorado/a e namorado/a no seu conjunto totalizam 59% das relações existentes entre vítima e autor/a do crime*” (idem). Evidenciando as diferenças de género, é bastante mais elevado o número de vítimas do sexo feminino, comparativamente ao masculino, que têm ou tiveram um relacionamento amoroso com o(a) autor(a) do crime, independentemente do tipo de crime (APAV, 2017). Nos últimos anos, tem-se assistido a um aumento de investigações sobre a temática da violência entre parceiros íntimos, pelo seu impacto negativo na saúde e trajetória desenvolvimental destes últimos (Ludermir, Valongueiro, & Araújo, 2014; Machado, Martins, & Caridade, 2014). Sendo um fenómeno complexo, que continua a revelar uma prevalência preocupante, há necessidade de adensar a pesquisa que possa elucidar a prevenção e a intervenção nesta área. Dado o carácter transversal e multidimensional da violência nas relações, são diversas as abordagens e as variáveis pertinentes neste domínio de investigação. No presente estudo correlacional, será dada particular atenção à possível associação inversa

entre a violência e variáveis relacionadas com a Psicologia Positiva, tais como a esperança e a confiança interpessoal.

Os Conceitos de Violência, Confiança Interpessoal e Esperança

Ao longo dos tempos, o conceito de violência tem vindo a transformar-se. É descrita pela OMS (2002 cit. por Krug, Dalhberg, Mercy, Zwi, & Lozano, 2002, p. 5) como “o uso intencional da força física ou do poder, sob a forma de ato ou de ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou comunidade, que cause ou tenha muitas probabilidades de causar lesões, morte, danos psicológicos, perturbações do desenvolvimento ou privação”. Mais recentemente, Manita, Ribeiro e Peixoto (2009, p.10) descrevem a violência como qualquer “uso propositado da força, coação ou intimidação contra um terceiro, e toda a forma de ação intencional que possa ofender a integridade, necessidades e os direitos do indivíduo”. Quanto à violência doméstica, esta abrange diversas tipologias, sendo a violência entre parceiros íntimos (VPI) uma das formas mais referenciadas, que é exercida em contexto de intimidade e não apenas na conjugalidade *stricto sensu* (Krug et al., 2002; Manita, Ribeiro, & Peixoto, 2009). Um estudo português da última década referiu que cerca de 28% dos homens e mulheres inquiridos afirmou ter estado ou estar inserido numa relação com comportamentos abusivos, sendo este cenário mais provável em relações com mais duração e em que existe coabitação (Caridade & Machado, 2006). Dado que as repercussões da violência podem ser sentidas tanto a curto como a longo prazo (Paiva & Figueiredo, 2003; Piotrowski, Tailor, & Cormier, 2014; Redondo, Pimentel, Correia, & Vicente, 2012), continuam a ser requeridos estudos que procurem explorar e compreender uma eventual relação negativa com o desenvolvimento positivo dos indivíduos, o qual é determinante para a sua qualidade de vida. Entre os construtos relevantes para esta análise, encontram-se a confiança interpessoal e a esperança.

Sendo considerada necessária para a sobrevivência da sociedade e para um funcionamento psicológico bem-sucedido, a confiança interpessoal é seguramente uma qualidade desejável em qualquer relação próxima. Suscetível de ser atingida nefastamente num processo relacional íntimo violento, quanto às suas bases de fidelidade (os conceitos de *reliability*, *emotional trust* e *honesty* foram traduzidos para o português *fidelidade*, *confiança emocional* e *honestidade*, respetivamente), de confiança emocional e honesti-

dade (Rotenberg, 2010), ela aparece implicada nas diversas facetas do funcionamento social, afetando a saúde mental e física do indivíduo (Rotenberg et al., 2010). Por seu lado, a esperança é um constructo igualmente complexo, destacando-se Snyder (2002) como um dos autores que mais o estudaram. De acordo com a Teoria da Esperança (Snyder, 2002), este conceito corresponde a uma percepção generalizada sobre como os objetivos (*goals*) pessoais podem ser conseguidos, através de motivação/determinação ou iniciativa (*agency*) para eles orientada e, ainda, da elaboração de meios ou caminhos (*pathways*) para os atingir (Snyder et al., 1991). Atualmente, este conceito baseia-se numa série de pressupostos ligados à natureza humana, ao processo de mudança e à esperança em si mesma.

Objetivos e Hipóteses

Para além de verificar a prevalência de violência numa amostra não clínica e de analisar o efeito de variáveis sociodemográficas, pretende-se averiguar se existem relações entre a violência, a confiança interpessoal e a esperança. Deste modo, são colocadas as seguintes hipóteses de investigação: (1) Existe uma relação negativa entre a violência nas relações íntimas e a esperança; (2) Existe uma relação negativa entre a violência nas relações íntimas e a confiança interpessoal; (3) Existe uma relação positiva entre confiança interpessoal e esperança; (4) Existe uma relação positiva entre todos os aspetos de violência (vitimação e perpetração; passada e atual); (5) Existem diferenças nas crenças de legitimação da violência segundo o sexo, a idade e o nível socioeconómico (NSE).

MÉTODO

Participantes

A amostra ocasional utilizada no presente estudo transversal e correlacional é constituída por 302 sujeitos (33,1% do sexo masculino e 66,9% do sexo feminino) (em algumas análises ocorreu uma oscilação do *N* devido a alguns *missing values*). A média de idades situa-se nos 29 anos ($DP=10,78$), com um mínimo de 18 anos e um máximo de 63.

Material

Para a recolha de dados foram utilizados os seguintes instrumentos: (a) um questionário sociodemográfico; (b) a adaptação portuguesa da *Rotenberg's Specific Trust Scale-Adults*, Escala Específica de Confiança Interpessoal-Adultos (EECI-A; Vale-Dias & Franco-Borges, 2014), com 10 itens divididos pela Fidelidade e confiança Emocional, escala de resposta tipo Likert de 9 pontos e um *alfa de Cronbach* de 0,90 para a Escala Total; (c) a Escala de Crenças sobre a Violência Conjugal (ECVC; Machado, Matos, & Gonçalves, 2006), com os fatores Legitimação e Banalização da Pequena Violência, Legitimação da Violência pela Conduta da Mulher, Legitimação da Violência pela sua Atribuição a Causas Externas e, por fim, Legitimação da Violência pela Preservação da Privacidade Familiar, sendo que a Escala Total ($\alpha=0,93$), de 25 itens e resposta numa escala de tipo Likert de 5 pontos, mede o grau de legitimação ou tolerância face à violência nas relações amorosas; (d) o Inventário de Violência Conjugal (IVC; Machado, Matos, & Gonçalves, 2006), para determinar a prevalência e frequência dos atos violentos físicos e emocionais que o sujeito assinala, ou não, como perpetrados e/ou recebidos nas relações amorosas, atuais (21 itens) e passadas (21 itens); (e) por último, a Escala da Esperança-Traço para adultos (Escala do Futuro – EF; adaptação portuguesa: Pais-Ribeiro, Pedro, & Marques, 2006), que inclui os fatores Caminhos ($\alpha=0,79$) e Iniciativa ($\alpha=0,76$), para além da Escala Global ($\alpha=0,86$), de 12 itens e respostas numa escala (tipo Likert) de oito pontos.

RESULTADOS

Comportamentos Abusivos (IVC) e Género

Neste estudo, 23,8% ($n=72$) dos participantes envolvidos num relacionamento amoroso relatam ter sido vítimas de, pelo menos, um ato abusivo durante o último ano e 24,5% ($n=74$) admitiram ter adotado este tipo de procedimento em relação ao seu parceiro. A análise de indicadores de violência nas relações passadas mostra que 26,5% ($n=80$) dos sujeitos foram vítimas de pelo menos um ato abusivo e que 22,3% ($n=67$) perpetraram algum tipo deste comportamento. No que diz respeito ao perfil de

Vitimação geral encontrado nas relações Atuais, verificou-se, através do teste Qui-Quadrado, que não se registam diferenças estatisticamente significativas segundo o sexo [$\chi^2(1)=21,031$; n.s.] e o mesmo se verifica na Vitimação Passada [$\chi^2(1)=31,337$; n.s.]. Relativamente à Perpetração em geral nas relações amorosas Atuais e Passadas também não se verificaram, segundo o sexo, diferenças estatisticamente significativas [respetivamente, $\chi^2(1)=12,963$; n.s.; $\chi^2(1)=15,040$; n.s.].

Relações entre a Violência e a Esperança e Associações entre Aspectos da Violência

Para aferir a existência de relações de associação entre Violência (IVC) e Esperança (EF) calculou-se o Coeficiente de Correlação de *Pearson*, considerando cada um dos fatores dos instrumentos e ainda a Esperança Total (Quadro 1). De uma forma geral, não foram encontradas correlações suficientemente fortes para estabelecer uma ponte entre os diversos aspetos da violência e as variáveis da esperança (Caminhos; Iniciativa; *score* Total), pois são todas bastante próximas de zero e sem valor estatisticamente significativo ($p>0,05$).

Quadro 1

Matriz de Correlações entre a Esperança e a Violência Conjugal Atual e Passada

	Caminhos	Iniciativa	Esperança Total	Perpetração Atual	Vitimação Atual	Perpetração Passada	Vitimação Passada
Caminhos (EF ^a)	-	0,694**	0,921**	-0,007	0,014	-0,002	-0,030
Iniciativa (EF ^a)		-	0,918**	-0,088	-0,073	0,025	0,012
Esperança Total (EF ^a)			-	-0,050	-0,030	-0,014	-0,009
Perpetração Atual ^b				-	0,891**	0,638**	0,371**
Vitimação Atual ^b					-	0,651**	0,391*
Perpetração Passada ^b						-	0,713**
Vitimação Passada ^b							-

Nota. * $p<0,05$; ** $p<0,01$; ^aEscala do Futuro; ^bInventário de Violência Conjugal (IVC).

Obteve-se uma correlação positiva forte para as variáveis Perpetração na Atualidade e Vitimação na Atualidade ($r=0,89$; $p=0,006$), sendo que ambas as variáveis partilham 79,2 % da variância observada. A Perpetração na Atualidade correlacionou-se forte e positivamente com a Perpetração no

Passado ($r=0,63$; $p=0,005$), partilhando 39% da variância total observada. A correlação positiva estabelecida entre a Perpetração Atual e a Vitimação Passada mostrou magnitude média ($r=0,37$; $p=0,002$; $R^2=0,13$). A correlação positiva verificada entre a Vitimação Atual e a Perpetração Passada possui um valor alto ($r=0,65$; $p=0,006$), partilhando 42% da variância observada. A Vitimação Atual correlaciona-se ainda com a Vitimação Passada, sendo o seu valor médio e positivo ($r=0,39$; $p=0,027$), para uma variância partilhada de 15,21%. Finalmente, a correlação positiva entre Perpetração Passada e Vitimação Passada revelou-se bastante forte ($r=0,71$; $p=0,003$), neste caso, explicando 50,41% da variância total partilhada.

Relações entre a Confiança Interpessoal e a Esperança

O *score* Total da Confiança Interpessoal e o fator da Confiança Emocional estabelecem, em geral, correlações não significativas e muito próximas de zero com os fatores e escala da Esperança Total (Quadro 2). Já o fator Fidelidade estabelece relações positivas e estatisticamente significativas, embora modestas, com o fator Iniciativa ($r=0,127$; $p=0,02$) e o Total da Esperança ($r=0,119$; $p=0,04$).

Quadro 2

Matriz de Correlações entre a Esperança e a Confiança Interpessoal

	Confiança interpessoal	Confiança emocional	Confiança fidelidade	Caminhos	Iniciativa	Esperança Total
Confiança interpessoal ^b	-	-0,775**	-0,934**	0,066	0,093	0,085
Confiança emocional ^a		-	-0,474**	-0,001	0,005	-0,001
Confiança fidelidade ^a			-	0,093	0,127*	0,119*
Caminhos ^b				-	0,694**	0,918**
Iniciativa ^b					-	0,765**
Esperança Total ^b						-

Nota. * $p<0,05$; ** $p<0,01$; ^aEscala de Confiança Interpessoal; ^bEscala do Futuro.

Relação entre a Violência e a Confiança Interpessoal

A Confiança Interpessoal (EECI-A) correlaciona-se negativamente com todas as dimensões passadas e atuais do IVC, mas apenas duas relações merecem referência. Os valores dos coeficientes revelam uma relação

fraca, mas estatisticamente significativa, no que respeita à Perpetração Atual ($r=-0,136$; $p=0,02$) e à Vitimação Atual ($r=-0,17$; $p=0,005$).

Crenças de Legitimação da Violência, Sexo, Idade e NSE

Quanto às Crenças sobre Violência, foi possível verificar, pelo teste *t* de Student, que o sexo masculino revela uma maior banalização da violência, sendo as diferenças significativas para o Total da ECVC [$t(139,823)=4,92$; $p=0,04$]. Após cálculo de uma análise de variância (ANOVA) e comparações múltiplas *a posteriori*, considerando 4 grupos de idade, as médias obtidas na Totalidade da ECVC registaram diferenças estatisticamente significativas [$F(3, 292)=9,63$; $p=0,03$], particularmente entre o grupo de sujeitos mais velhos [≥ 50 anos ($M=51,55$; $DP=18,63$)] face aos restantes [18-29 ($M=38,26$; $DP=11,32$); 30-39 ($M=39,13$; $DP=11,94$); 40-49 ($M=42,27$; $DP=12,63$)]. Calculou-se ainda uma ANOVA para analisar as diferenças na ECVC segundo o nível socioeconómico (5 grupos: alto; médio alto; médio; médio baixo; baixo), recorrendo a comparações múltiplas *a posteriori*. Registou-se uma diferença estatisticamente significativa para o Total da ECVC [$F(4, 263)=3,625$; $p=0,04$] entre os grupos médio/alto ($M=37,00$; $DP=9,55$) e médio/baixo ($M=44,21$; $DP=14,49$).

DISCUSSÃO

Nesta investigação, procurou-se conhecer a prevalência de violência numa amostra ocasional não clínica. Foram encontrados dados concordes com o estudo de Caridade e Machado (2009, cit. por Machado, 2010), sendo que as percentagens relativas a diversos aspetos da violência (vitimação e perpetração; passada e atual) se situam entre os 22,3% e os 26,5% – valores preocupantes, considerando o tipo não clínico da amostra. Os perfis de Vitimação e Perpetração gerais são idênticos nos dois sexos, sugerindo-se, no entanto, que futuramente sejam analisadas possíveis diferenças no tipo específico de violência praticado. As correlações estabelecidas entre a violência e os aspetos da esperança são maioritariamente negativas, mas sem resultados significativos, não tendo sido corroborada

a primeira hipótese. Relativamente ao que se esperava, Snyder e colaboradores (2000) afirmam ser comum, em situações de vida mais adversas, a perda de esperança e de motivação em alcançar determinados objetivos. Futuramente, tendo em conta os resultados, interessará aprofundar em que medida a adversidade associada à violência poderá ser atenuada por possíveis fatores protetores da esperança, tais como outras fontes de apoio e estratégias de *coping*. No que respeita à associação negativa modesta, mas estatisticamente significativa, estabelecida entre a confiança interpessoal e a violência (perpetração e vitimação atuais – IVC), foi possível confirmar parcialmente a segunda hipótese. Quando falamos de violência, na verdade, podemos referir diversas consequências, sendo que uma delas é a desconfiança em relação aos membros do sexo oposto (Paiva & Figueiredo, 2003), ou aos parceiros, seja qual for o sexo. Com efeito, ao existir violência, as relações estabelecidas são sobretudo de desrespeito e desconfiança (Bloomfield, 2003), ocorrendo uma quebra de confiança e segurança da vítima em relação ao agressor, com comprometimento do bem-estar da vítima, bem como de todo o sistema conjugal (Almeida, 2012). Apesar de modestos, os nossos resultados sugerem a importância de aprofundar o estudo desta relação inversa, nomeadamente junto de amostras clínicas. A confiança interpessoal, através do fator Fidelidade, evidenciou relações positivas modestas com a esperança, corroborando a terceira hipótese, no caso do fator Iniciativa e da Esperança total. Numa perspetiva otimista, a confiança relaciona-se diretamente com a esperança, o que permite em parte explicar os resultados obtidos: os sujeitos mais confiantes serão também aqueles que estão mais sensíveis e abertos a novas oportunidades futuras, nos mais diversos contextos de vida (Govier, 1998). No caso das vítimas de violência, e tal como indica Huyse (2003), a vivência de experiências relacionais negativas (falta de compreensão e de empatia) origina sentimentos de isolamento e falta de esperança. É compreensível que, numa relação em que existe violência, o otimismo esteja comprometido: as relações estabelecidas são maioritariamente de desrespeito e desconfiança (Bloomfield, 2003). Os dados revelaram ainda, apoiando a quarta hipótese, a existência de correlações positivas significativas, maioritariamente fortes, entre todos os aspetos de violência. Não só a violência passada se relaciona com a atual, como os papéis de vítima e perpetrador parecem cruzar-se, facto que exige adequada intervenção.

Finalmente, refira-se o efeito do nível socioeconómico, idade e género nas Crenças de legitimação da violência nas relações íntimas, corroborando a quinta hipótese. Apesar de a literatura apontar para o carácter transversal deste tipo de violência, tais dados sugerem que os indivíduos mais velhos, do sexo masculino e pertencentes ao nível socioeconómico médio/baixo surgem como alvos prioritários de prevenção e intervenção no que se refere à mudança de crenças legitimadoras de violência.

REFERÊNCIAS

- APAV. (2017). *Estatísticas APAV: Relatório Anual 2016*. Disponível em https://apav.pt/apav_v3/images/pdf/Estatisticas_APAV_Relatorio_Anual_2016.pdf
- Bloomfield, D. (2003). Reconciliation: An introduction. In D. Bloomfield, T. Barnes, & L. Huyse (Eds.), *Reconciliation after violent conflict: A handbook* (pp. 10-18). Stockholm: IIDEA.
- Caridade, S., & Machado, C. (2006). Violência na intimidade juvenil: Da vitimação à perpetração. *Análise Psicológica*, 4, 485-493. <http://publicacoes.ispa.pt/index.php/ap/article/viewFile/541/pdf>
- Govier, T. (1998). *Dilemmas of trust*. Quebec: McGill-Queen's University Press.
- Heise, L., & Garcia-Moreno, C. (2002). Violence by intimate partner. In E. Krug, L. Dahlberg, A. Marcy, B. Zwi, & R. Lozano (Eds.), *World Report on Violence and Health* (pp. 87-121). Geneva: World Health Organization.
- Krug, E., Dahlberg, L., Mercy, J., Zwi, A., & Lozano, R. (2002). *World report on violence and health*. Geneva: World Health Organization.
- Ludermir, A., Valongueiro, S., & Araújo, T. (2014). Common mental disorders and intimate partner violence in pregnancy. *Revista de Saúde Pública*, 48, 29-35. doi: 10.1590/S0034-8910.2014048004538
- Machado, C. (2010). *Novas formas de vitimação criminal*. Braga: Psiquilíbrios Edições.
- Machado, C., Martins, C., & Caridade, S. (2014). Violence in intimate relationships: A comparison of married and dating couples. *Journal of Criminology*, 1, 1-9. doi: 10.1155/2014/897093

- Machado, C., Matos, M., & Gonçalves, M. (2006). *Manual de Crenças sobre Violência Conjugal (ECVC) e Inventário de Violência Conjugal (IVC)*. Braga: Psiquilíbrios.
- Manita, C., Ribeiro, C., & Peixoto, C. (2009). *Violência doméstica: Compreender para intervir*. Lisboa: Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género.
- Pais-Ribeiro, J., Pedro, L., & Marques, S. (2006). Contribuição para o estudo psicométrico e estrutural da escala de esperança (de futuro). In I. Leal, J. Pais-Ribeiro & S. Neves, (Eds.), *Actas do 6º Congresso Nacional de Psicologia da Saúde* (pp. 75-81). Lisboa: ISPA – Instituto Universitário.
- Paiva, C., & Figueiredo, B. (2003). Abuso no contexto do relacionamento íntimo com o companheiro: Definição, prevalência, causas e efeitos. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 4, 165-184.
- Piotrowski, C. C., Tailor, K., & Cormier, D. (2014). Siblings exposed to intimate partner violence: Linking sibling relationship quality & child adjustment problems. *Child Abuse & Neglect*, 38, 123-134. doi: 10.1016/j.chiabu.2013.08.005
- Redondo, J., Pimentel, I., Correia, A., & Vicente, H. (2012). Parte I: Violência familiar entre parceiros íntimos: Da leitura e compreensão à intervenção. In J. Redondo, I. Pimentel, & A. Correia (Coords.), *Manual SARAR* (pp. 31-159). Coimbra: Damasceno.
- Rotenberg, K. (2010). The conceptualization of interpersonal trust: A basis, domain and target framework. In K. Rotenberg (Eds.), *Interpersonal trust during childhood and adolescence* (pp. 8-27). Cambridge: Cambridge University Press.
- Rotenberg, K., Addis, N., Betts, L., Fox, C., Hobson, Z., Rennison, S., Trueman, M., & Boulton, M. (2010). The relation between trust beliefs and loneliness during early childhood, middle childhood and adulthood. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 36, 1086-1100. doi: 10.1177/0146167210374957
- Snyder, C. (2002). Hope theory: Rainbows in the mind. *Psychological Inquiry*, 13, 249-275. doi: 10.1207/S15327965PLI1304_01
- Snyder, C., Harris, C., Anderson, J., Holleran, S., Irving, L., Sigmon, S., ... Harney, P. (1991). The will and the ways: development and validation of an individual-differences measure of hope. *Journal of Personality and Social Psych.*, 60, 570-585. doi:10.1037/0022-3514.60.4.570
- Snyder, C., Ilardi, S., Cheavens, J., Yamhure, L., & Sympson, S. (2000). The role of hope in cognitive-behavior therapies. *Cognitive Therapy and Research*, 24, 747-762. doi: 10.1023/A:1005547730153

Vale-Dias, M. L. & Franco-Borges, G. (2014). *Adaptação Portuguesa da Escala de Confiança Interpessoal (Rotenberg's Specific Trust Scale)*. Documento não publicado.